

**A construção da textualidade no sétimo ano do ensino fundamental<sup>1</sup>**  
*The construction of textuality in the 7th year of fundamental education*

Patrícia da Silva de Almeida<sup>2</sup>

**Recebido em:** 05/02/2020

**Aprovado em:** 20/05/2020

**Publicado em:** 02/06/2020

**Resumo:**

Este relato de experiência docente analisa a construção da textualidade do texto de um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola localizada em Aparecida do Salto, distrito da cidade de Ituverava-SP. Os objetivos análise foram diagnosticar as dificuldades na produção textual e propor três planos de aula, de forma a auxiliar o aluno ao escrever e o professor de Língua Portuguesa na avaliação e na intervenção pedagógica nas aulas de produção textual. O texto foi analisado quanto à sua construção, segundo os critérios de textualidade propostos por Beaugrande & Dressler (1981). Observando, ainda, as reflexões apresentadas por Koch (1995, 2010,), Bakhtin (1997), Koch e Elias (2016), Koch e Travaglia (2010), Fairchild (2007), Antunes (2003, 2010), Ciulla (2014) e Geraldi (2012), entre outros, verificou-se as dificuldades do aluno ao movimentar os recursos linguísticos no texto, quando de sua produção. Nesse sentido, este trabalho pode auxiliar os professores de Língua Portuguesa de forma a aplicar e aliar a teoria à prática em suas propostas pedagógicas, posteriores correções textuais e avaliações diagnósticas na sala de aula, sabendo que tais avaliações devem culminar em ações de intervenção que incidam nas dificuldades do aluno.

**Palavras-chaves:** Avaliação Diagnóstica, Escrita, Produção Textual.

**Abstract:**

This story of teaching experience analyses to the production of the textuality of one of the 7th years of the Fundamental Ensino, of a school located in Aparecida do Salto, city district of Ituverava-SP. The objectives of this work are to diagnose difficulties in textual production and provide three classroom plans, in a way that helps or assists some of the Portuguese Language teachers in the teaching and intervention of the textual production classrooms. Or text was analyzed in its construction, the second textuality criteria proposed by Beugrande & Dressler (1981). Observing, also, the reflections presented by Koch (1995, 2010,), Bakhtin (1997), Koch and Elias (2016), Koch e Travaglia (2010), Fairchild (2007), Antunes (2003, 2010), Ciulla (2014) and Geraldi (2012), among others, it was verified that some difficulties were made to move linguistic resources, not text when producing their production. In this sense, this work can help teachers of Portuguese Language in a way to apply and ally to the theory of practice in their pedagogical proposals, subsequent corrections and diagnostic evaluations in the classroom, knowing that these evaluations should culminate in the intervention no difficulties do anyone.

**Keywords:** Diagnostic Evaluation, Writing, Textual Production.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina Texto e Ensino da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

<sup>2</sup> Mestranda do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. <https://orcid.org/0000-0002-2476-3390>. E-mail: [psilvalmeida@hotmail.com](mailto:psilvalmeida@hotmail.com).

ALMEIDA, P.S.;

## Introdução

Este relato apresenta o resultado de uma análise diagnóstica que visou observar a construção da textualidade em um texto narrativo, produzido por um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola localizada em Aparecida do Salto, distrito de Ituverava-SP, a partir de um tema proposto nas aulas de Língua Portuguesa.

Quanto à escrita de textos, observa-se com Antunes (2010) que, através dela, regulam-se as atividades de linguagem, pois é através da textualidade que falamos, nos comunicamos e interagimos verbalmente. Ademais, um texto envolve um interlocutor e é, portanto, uma atividade social de comunicação.

Segundo Antunes (2010), a importância de analisar textos, consiste na observação do uso dos artigos, expressões dêiticas (referências a pessoa, tempo e lugar), observa-se a relação semântica das frases, as propriedades referenciais de substantivos e pronomes. Além disso, no texto, há que ser assegurada uma sequência que permita observar a coesão, coerência, unidade temática, isto é, embora se possa analisar um ou outro aspecto do texto, deve-se ter em mente sua dimensão global e que os elementos do texto são inseparáveis.

Sobre a análise e avaliação de textos na sala de aula, Fairchild (2007) argumenta que a avaliação de produções textuais não pode ter como objetivo único a atribuição de nota, mas deve servir para que o docente conheça a forma como o aluno lida com o texto. Assim, ao incluir avaliação diagnóstica no processo avaliativo, mais do que quantificar o aprendizado, centra-se na elaboração estratégias de intervenção para auxiliar o aluno em aspectos específicos de sua escrita textual.

Ademais, entende-se que, para que se amplie a capacidade comunicativa dos alunos, observando a funcionalidade da língua, deve-se priorizar a produção de textos orais e escritos. Nessa perspectiva, será analisada uma produção textual considerando as pontuações de Antunes (2003, 2010), Ciulla (2014), Geraldi (2012), Koch (1995, 2016), Koch e Travaglia (2010).

O objeto de estudo elencado para tal análise são os critérios de textualidade, ou seja, as propriedades que definem um texto como tal, tendo em vista sua importância no processo de comunicação e interação entre os sujeitos. Este trabalho tem o objetivo de

**ALMEIDA, P.S.;**

realizar uma análise diagnóstica quanto à construção de textualidade de um texto narrativo, produzido por um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Mariana Grellet Seixas, localizada em Aparecida do Salto, distrito de Ituverava-SP, a partir de um tema proposto nas aulas de Língua Portuguesa.

Como procedimentos metodológicos, no desenvolvimento deste artigo, será apresentada uma contextualização teórica que identificará o texto e definirá os critérios de textualidade. Logo após a apresentação dos conceitos, será transcrita a proposta textual que orientou a produção de texto na sala de aula.

Assim, será transcrito o texto de um aluno para que sejam apontados e analisados a existência das propriedades textuais uma a uma, de forma que seja considerada a dependência desses fatores para a construção do texto. Após a análise, será feita uma discussão a respeito dos resultados obtidos. Em seguida, serão elaboradas atividades, levando em consideração os aspectos e teorias abordadas, assim como os resultados obtidos, de forma que atuem nas principais dificuldades que forem encontradas no texto e por fim uma conclusão.

## **1. Teorias que iluminam a análise textual**

Segundo Koch (1995), um texto é o resultado da manifestação verbal de indivíduos que sistematizam suas ações de modo a chegar a um fim social. Quer dizer que, no texto, encontra-se a unidade comunicativa básica, numa situação real de interação. Segundo a autora, pode-se conceituar o texto como uma:

[...] manifestação verbal constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em sequência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com as práticas socioculturais (KOCH, 1995, p. 2).

Constata-se que um texto não é um emaranhado de frases justapostas. A produção de um texto, além de contar com o entendimento e processos mentais que os interlocutores executam, conta com as práticas sociais e culturais, e se dá de forma intencional, tendo em vista os objetivos do produtor do texto.

**ALMEIDA, P.S.;**

Além desses aspectos, um texto tem ainda uma forma de se manifestar. Para que isso seja observado, na linguística textual, encontra-se Beaugrande e Dressler (1981), apud Antunes (2010. p. 33-36), propõem os fatores de textualidade. Tais propriedades permitem que se reconheça “um conjunto de palavras como sendo um texto” (ANTUNES, 2010, p. 33).

Beaugrande e Dressler (1981 apud ANTUNES, 2010, p. 33-36) definem os critérios de textualidade: Coesão: está ligada aos aspectos gramaticais e lexicais, responsável pela continuidade do texto, o encadeamento dos aspectos internos, é responsável, portanto, por sua unidade; coerência está presente para além dos fatores linguísticos do texto, decorre da lógica intra e extralinguística, confere unidade de sentido ao texto; intencionalidade: está centrada em quem produz o texto, observa-se se o que o falante diz é coerente e relevante para a situação; aceitabilidade: é centrada no receptor, ouvinte/leitor do texto, que o aceita como pertinente e interpretável ou não; informatividade: liga-se ao que é imprevisível no texto, a formas de sanar dúvidas, ao que o texto quer informar e o que é possível extrair dele; intertextualidade: é a relação ou a inserção de um texto em outros textos, é apoiar um texto na voz de outro para confirmá-lo ou refutá-lo; situacionalidade: é a característica de estar adequado ou não a uma situação, de forma que seja levado em consideração o contexto sociocultural.

Nesse sentido, as análises que seguem são feitas à luz do conceito supracitado, assim como se leva em consideração a afirmação de Antunes (2010), quando a autora argumenta que para entender o texto como objeto de ensino-aprendizagem, deve-se entender o conceito de textualidade como sendo “a característica estrutural das atividades sociocomunicativas”. Considera-se que o enunciado possua a função comunicativa e que, apresente, portanto, características da textualidade.

## **2. Análise diagnóstica da produção do aluno**

A proposta apresentada para que esse texto fosse produzido, recolhido e analisado, contou primeiramente com a leitura da crônica “O lixo”, de Luís Fernando Veríssimo. Tomando-a como um texto de apoio, os alunos deveriam construir uma narrativa de forma espontânea. Para tanto, o direcionamento para a produção foi que pensassem em personagens, que pudessem pertencer ao dia a dia do aluno, que

ALMEIDA, P.S.;

estivessem presentes nos fatos ou na imaginação dele para fazerem parte da história. Foi proposto que pensassem em um cenário, de preferência urbano. Por fim, foi pedido que escolhessem um fato simples que tivessem vivido ou imaginado.

**Quadro 1** – Texto de apoio da atividade proposta para a produção textual

**O Lixo -Fernando Veríssimo**

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- É o senhor do 612
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?

ALMEIDA, P.S.;

- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha?
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

Fonte: Veríssimo, 2002.

A partir dessa crônica, foram produzidos os textos e o escolhido para a análise está transcrito abaixo, no Quadro 2.

#### Quadro 2- Transcrição do texto do aluno

##### Ritual de Sete Além

Em uma bela tarde um homem foi fazer uma ligação para sua mãe, ele ia dizer para ela que chegaria mais cedo em casa, mas ela não atendia o telefone pois ela nunca deixou de atender ninguém, ele pensou ela que devia estar dormindo ou tinha saído de casa para ir ao mercado então ele volta a trabalhar, 1 hora depois chegou em casa 1 cara muito suspeito e falou para o homem, sua mãe faleceu; em 1 minuto ele estava já dentro do carro.

ALMEIDA, P.S.;

Chegando lá se deparou com sua mãe com os olhos todos brancos mesmo com muito medo mesmo assim foi ver se sua mãe estava bem, nisso ela deu 1 golpe de faca nele, e, quando se deparou com varias pessoas de preto com os punhos todos cortados e com mais um golpe com a faca no meio do coração a própria mãe matou o filho e logo depois se suicidou com golpes de faca. Mas tudo isso foi um ritual satânico feito para agradar a crença deles.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao observar o conjunto de características que torna possível a manifestação de um texto propostos por Beaugrande e Dressler (1981 apud ANTUNES, 2010, p. 33-36), observa-se que a coesão permite que haja a continuidade no texto, uma vez que encapsula os recursos linguísticos, pois está na base das relações semânticas.

No seguinte trecho, ao fazer referência a pessoas ou coisas pode-se observar a insuficiência de domínio do aluno sobre os pronomes, por exemplo, o que prejudica o desenvolvimento do texto, bem como a progressão textual, conforme o Quadro 3:

**Quadro 3** – Transcrição de um trecho do texto do aluno

Em uma bela tarde um homem foi fazer uma ligação para sua mãe, ele ia dizer para **ela** que chegaria mais cedo em **casa**, mas **ela** não atendia o telefone pois **ela** nunca deixou de atender ninguém, **ele** pensou **ela** que devia estar dormindo ou tinha saído de **casa** para ir ao mercado[...]"

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a referenciação, Ciulla (2014) define:

[...]referência é um processo de negociação realizado pelos falantes no momento da interação, à medida que o discurso se desenvolve[.], isto é, a fusão que emerge da ação dos falantes entre si e sobre os objetos do mundo, levando-se em consideração os aspectos culturais e de bagagem enciclopédica, além da memória, localização no tempo e no espaço, intenção desses falantes, suas escolhas linguísticas e as negociações de sentido que por eles são realizadas. Dessa dimensão discursiva, torna-se dependente uma visão abrangente do processo referencial e, portanto, também uma interpretação mais completa do fenômeno da categorização. Ressaltamos, ainda, que, nessa dimensão discursiva, as conexões linguísticas aparentemente superficiais, como os mecanismos coesivos referenciais (conforme KOCH, 1989), dependem também – e essencialmente - de fatores não apenas pragmáticos, mas cognitivos e interacionais (CIULLA, 2014, p. 248).

Levando em conta estas questões, observa-se que o aluno tenta fazer a conexão linguística em seu texto, usando a repetição de termos. Não se estabelece a repetição de estruturas como algo prejudicial ao texto, pois esta é uma estratégia básica de se obter a progressão textual, uma vez que na produção de textos, há sempre “construções paralelas, repetições literais enfáticas, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetições da fala do outro” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 100).

ALMEIDA, P.S.;

Entretanto, no trecho destacado, a repetição pronominal e de substantivos não dizem respeito ao paralelismo sintático que Koch (2016) conceitua como sendo a recorrência intencional de estruturas para estabelecer a unidade de sentido na produção, mas sim o pouco domínio sobre estes recursos linguísticos e seus efeitos, o que prejudica também as relações semânticas do texto.

Dessa dificuldade de relacionar coisas e palavras, tem-se um problema de progressão textual. Este encadeamento semântico é o resultado da progressão textual. Koch e Elias (2016) afirmam que a progressão textual diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas, à medida que se faz o texto progredir.

O fator “coerência” é definido por Antunes (2010, p. 35) como: “o encadeamento de sentido” no texto. Entende-se que a falta de linearidade na exposição das ideias ou fatos narrados, pode resultar na dificuldade de o leitor do texto produzir e interagir com o significado do texto, uma vez que a coerência é responsável por conferir a unidade de sentido ao texto. Neste texto, observam-se fatores de incoerência que podem ser vistos na superfície da narrativa. A respeito da ausência de coerência decorrente dos traços linguísticos do texto, tem-se:

**Quadro 3 – Transcrição de um trecho do texto do aluno**

[...] um cara muito suspeito e falou para o homem, sua mãe faleceu; em 1 minuto ele estava já dentro do carro.  
Chegando lá se deparou com sua mãe com os olhos todos brancos mesmo com muito medo mesmo assim foi ver se sua mãe estava bem[...]

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Neste trecho, o aluno não deixa clara a ação que ocorre no trecho, pois diante da informação de que a mãe do personagem principal havia falecido, esse personagem vai verificar se a mãe está bem. Essa falta de clareza das informações atrapalha a interpretabilidade do texto, o que, segundo Antunes (2010), não permite que seja identificada a unidade de sentido ao texto.

Quanto à coerência, Koch e Travaglia (2010) afirmam que é necessário que haja algum compartilhamento de conhecimento de mundo entre quem escreve e quem lê, caso contrário, não haverá a possibilidade de se estabelecer um “universo textual”. No caso transcrito, o leitor é colocado diante da morte, que é algo irreversível, e após isso, recebe a informação de que alguém vai verificar se o falecido está bem.

ALMEIDA, P.S.;

Neste texto, o autor contextualiza a narrativa em uma situação fantástica, mas que o leitor não é totalmente colocado a par dessas circunstâncias. Koch e Travaglia (2010) argumentam que o leitor e o produtor de um texto devem ter pelo menos alguns conhecimentos em comum. No texto, estamos em um mundo ficcional que é apresentado apenas pelo título, que não é explicado nem ganha espaço na narrativa. Não é possível traçar nenhuma inferência, ou seja, não é possível utilizar o conhecimento de mundo para traçar relações sobre o que é narrado. Isso acontece, pois não é apresentado nenhum fator de contextualização no texto.

Para Koch e Travaglia (2010, p. 82), “Os fatores de contextualização ancoram o texto em uma situação comunicativa determinada”. O título do texto nada diz sobre o que será narrado, o autor traz uma informação nova sem explicá-la, pois o texto acaba e o leitor não compreende o que é “O ritual de Sete Além”. O título geralmente resume o assunto do texto e “permite prever sobre o que o texto fala” (KOCH; TRAVAGLIA, 2010, p. 82), mas em “O ritual de Sete Além”, a preposição “de” permite entender que Sete Além é um local que dá origem a um ritual, o que não é explicitado no texto. Apenas no final tem-se:

**Quadro 4** – Transcrição de um trecho do texto do aluno

Mas tudo isso foi um ritual satânico feito para agradar a crença deles.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Essa falta de clareza nas informações que o texto traz prejudicaram o fator de coerência textual. O que resulta em uma má compreensão. O fator de intencionalidade também é mal colocado, pois que o texto não apresenta a coerência para desencadear a compreensão no leitor. Para Koch e Travaglia (2010):

A intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por essa razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor o que lhe permitam construir o sentido desejado (KOCH; TRAVAGLIA, 2010, p. 97).

A intencionalidade é prejudicada, pois o interlocutor que fala não deixa claro as ações e os acontecimentos. Assim, o leitor nada consegue inferir e conseqüentemente compreender a respeito do texto lido.

ALMEIDA, P.S.;

Segundo Koch e Travaglia (2010), o critério de aceitabilidade consiste no esforço que o leitor/ouvinte faz simultaneamente para compreender e calcular o sentido do texto oferecido pelo interlocutor, partindo das pistas que este deixa durante sua produção textual. Sendo assim, a cooperação entre os interlocutores deste texto fica comprometida, pois há dificuldade do autor ao atribuir sentido ao que estava escrevendo, deixando o leitor sem saber ao certo sobre o que foi narrado.

A informatividade é um fator que atua na construção da coerência, “[...]diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida” (KOCH; TRAVAGLIA, 2010, p. 86).

No texto analisado há uma tentativa de construção de uma atmosfera de imprevisibilidade:

**Quadro 5 – Transcrição de um trecho do texto do aluno**

Chegando lá se deparou com sua mãe com os olhos todos brancos mesmo com muito medo mesmo assim foi ver se sua mãe estava bem, nisso ela deu 1 golpe de faca nele, e, quando se deparou com varias pessoas de preto com os punhos todos cortados e com mais um golpe com a faca no meio do coração a própria mãe matou o filho e logo depois se suicidou com golpes de faca.

**Fonte:** Dados da pesquisa

O autor cria a expectativa, o suspense em torno da cena com a mãe aparentemente morta, mas nesse ponto do texto, o leitor já foi prejudicado pela fala de fatores que contextualizariam a cena como sendo parte de um ritual, como mostra o Quadro 4.

A intertextualidade é outro fator importante para a coerência, pois, segundo Antunes (2010), é um recurso utilizado para inserir um texto no outro, de forma que o autor do novo texto vá confirmá-lo ou combatê-lo. Neste texto, o aluno constrói sua narrativa de modo intertextual, pois se apoia em uma ficção existente na internet, o mundo paralelo chamado Sete Além, para ambientar e contextualizar sua narrativa.

Entretanto, como foi salientado, o leitor não é ambientado a esse contexto e, apesar da presença desse fator de textualidade no texto, segue sem saber se desde o início se a história é a narrativa de um ritual, se “Sete Além” é um local, como ele surgiu, se o leitor está observando ações em um universo paralelo etc.

A intertextualidade presente no título, “O ritual de Sete Além”, não garante a compreensão do texto, pois se pode esperar que com o título seja delimitado o tema ou seja focalizado algum aspecto dado por ele, mas isso não acontece no texto.

ALMEIDA, P.S.;

A situacionalidade, para Koch e Travaglia (2010), é relevante na construção da coerência textual e pode atuar sob duas concepções:

a) da situação para o texto - neste caso, trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto e, portanto, no estabelecimento da coerência. A situação aqui deve ser entendida quer em sentido estrito da situação comunicativa propriamente dita, isto é, o contexto imediato da interação-, quer em sentido amplo, ou seja, o contexto sociopolítico-cultural em que a interação está inserida. [...]b) do texto para a situação – [...]ao construir um texto o produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses convicções, crenças etc. O mundo criado pelo texto não é, portanto, uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor a partir de determinada perspectiva, de acordo com determinadas intenções[...]os referentes textuais não são idênticos à luz aos do mundo real, mas são construídos no interior do texto. O receptor, por sua vez, interpreta o texto de acordo com sua ótica, seus propósitos, as suas convicções (KOCH; TRAVAGLIA, 2010, p. 84-85).

O autor cria seu próprio universo textual para tal situação comunicativa e atua nele, inserindo a narrativa no mundo criado para o texto. A hipótese levantada para tal criação é o objetivo de inserir seu interlocutor nesse universo paralelo que o autor teve contato, provavelmente através da internet, e que infelizmente o propósito não logrou total êxito.

### 3. ATIVIDADES PROPOSTAS: uma abordagem pedagógica

Geraldi (2012) afirma que, para que o aluno atinja seus objetivos quando da produção de texto, deve-se trabalhar de forma global o texto, de modo a adotar esta prática de análise linguística, que trabalha desde aspectos gramaticais até as questões de construção do texto: como coesão e coerência, os recursos linguísticos e expressivos utilizados, a organização das informações apresentadas pelo aluno, tendo como objetivo a reescrita do texto do aluno.

Segundo Geraldi (2012), o texto analisado traz dificuldades do ano anterior ao que o aluno se encontra, pois não contém as respostas a algumas perguntas básicas passíveis de serem respondidas pela narração: onde, como e porque algo aconteceu. Não há uma sequência lógica de acontecimentos que torne o texto viável. Além desses aspectos, uma outra dificuldade observada é que o aluno não conseguiu transformar um discurso direto em indireto, dificuldade própria deste nível, segundo ao autor.

ALMEIDA, P.S.;

Após ter analisado diagnosticamente a produção do texto narrativo “O ritual de Sete Além”, os problemas evidenciados foram em relação à referenciação na construção textual, o que prejudicou a progressão do texto. Assim como, a dificuldade ao utilizar os recursos linguísticos prejudicou a eficácia da existência do critério de coesão no texto, também limitou a existência de coerência textual, pois a falta de informações que auxiliariam o leitor quanto à identificação do mundo textual, prejudicam a identificação do local onde a história acontece. A falha no estabelecimento da coerência prejudicou a eficácia dos fatores de aceitabilidade, informatividade e intencionalidade

Com base nessa análise, serão propostos, a seguir, planos de aula com a finalidade de repensar a escrita e reescrita do texto pelo aluno e pela sala. Essa intervenção buscará auxiliar o aluno na compreensão dos critérios de textualidade, na busca pela coesão como recurso a auxiliar a progressão textual e pela coerência de modo a favorecer a interpretabilidade do texto, de forma que essas atividades possam auxiliar na reescrita deste texto e na escrita nas produções futuras.

### 3.1 Plano de aula 1: estrutura textual

Considerando a análise realizada e os elementos de textualidade necessários para a construção textual, elabora-se a seguinte aula a respeito da estrutura do texto narrativo. Nesta aula proposta, faz-se o que Geraldi (2012, p. 74) afirma que é “partir do erro para a autocorreção”, pois o aluno poderá refletir sobre como utilizou a linguagem em determinada situação comunicativa e aprimorá-la ou reconstruí-la.

#### Quadro 10 – Primeiro plano de aula

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Ano:** 7º ano do Ensino Fundamental

**Tempo:** 1 aula

**Conteúdo:** Reorganização dos conceitos inerentes à estrutura no texto narrativo.

**Objetivo:** levar os alunos a identificar e estabelecer a estrutura do texto narrativo.

**Metodologia:** Dispor a sala em duplas e distribuir as redações que foram recolhidas de forma que cada aluno leia o texto de seu colega. Expor o direcionamento no quadro:

1-Marque no texto com quem, o que, quando, onde, como e porque a história acontece.

2- Apresentem um para o outro as respostas, se algo não foi visto, quem escreveu o texto mostra as respostas para o colega leitor.

3- Caso o leitor não encontre as respostas, então o autor deve completar o texto, acrescentando um parágrafo ou reescrevendo toda a redação.

**Material:** Giz/ caneta para quadro branco, lápis e papel almaço.

ALMEIDA, P.S.;

**Avaliação:** A avaliação será feita por meio da participação dos alunos.

Fonte: elaborado pela autora.

### 3.2 Plano de aula 2: a referenciação como elemento coesivo

Considerando o texto analisado, neste plano de aula, prefere-se o trabalho com a referenciação como um importante elemento coesivo, aliado da progressão textual. Observa-se a dificuldade do aluno em estabelecer relações de sentido no interior do texto, o que deixa o “tecido” textual com falhas, faz-se o seguinte plano de aula, que pode permitir que o aluno faça uso de itens do discurso necessários para a compreensão textual:

#### Quadro 11 – Segundo plano de aula

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Ano:** 7º ano do Ensino Fundamental

**Tempo:** 2 aulas

**Conteúdo:** Exercícios de referenciação.

**Objetivo:** levar os alunos a compreender o uso e a função da referenciação como elemento coesivo e indispensável para a progressão textual.

**Metodologia:**

Nos primeiros momentos, será distribuída uma cópia da crônica “A estranha passageira”. A sala será disposta em um círculo e será feita a leitura em voz alta e depois deixar que os alunos a realizem de forma silenciosa.

#### **A estranha passageira** - Stanislaw Ponte Preta

– O **senhor** sabe? É a primeira vez que eu viajo de **avião**. Estou com zero hora de voo – e riu nervosinha, coitada. Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-**lhe** bem. **Lá** se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz o “bacana” respondendo que estava às suas ordens. **Madama** entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e a arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura. Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que **aquela senhora** me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. **A coisa** foi ficando ridícula.

– Para que **esse** saquinho **aqui**? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

– É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas **todos** adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

– Uai... as necessidades **neste** saquinho? No avião não tem banheiro?

Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas **ela** era um azougue (embora com tantas carnes parecesse um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados.

O comandante já esquentara os motores e a **aeronave** estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

– Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só para **ela**?

Expliquei que emergência não era **ninguém**, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de

ALMEIDA, P.S.;

necessidade, saía-se por **ela**.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “**show**”. Mesmo os que mais se divertiam com **ele** resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

– Puxa vida!!!

Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

– Olha **lá** embaixo.

Eu olhei. E **ela** acrescentou: – Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal **lá** embaixo até parece formiga.

Suspirei e lasquei:

– Minha senhora, **aquilo** são formigas mesmo. O avião ainda não levantou vôo.

PRETA, Stanislaw Ponte. **Garoto linha dura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Após a leitura e ainda em círculo, serão feitas as seguintes reflexões:

- Qual o assunto que guia o texto?
- De que forma o texto atinge continuidade?
- Quais são as palavras que garantem o “fio da meada” no texto?
- Nos primeiros períodos, o autor do texto localiza o ambiente onde se passa a história. Levante ao menos duas hipóteses para isso.
- Neste trecho: “**Lá** se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem”, a que o autor se refere na expressão destacada?
- No trecho: “Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da **incômoda passageira** de primeira viagem”. Por que foi importante o uso da expressão destacada?
- De que forma as expressões destacadas auxiliaram na construção do texto?

**Material:** Giz/ caneta para quadro branco, cartolina, Datashow.

**Avaliação:** A avaliação será feita por meio da participação dos alunos.

**Fonte:** elaborado pela autora

### 3.3 Plano de aula 3: coerência textual

Para elaborar este planejamento, avaliou-se a dificuldade do aluno em criar seu universo textual e situar o leitor em sua ambientação, permitindo ao interlocutor que crie inferências sobre o que é lido e que haja o compartilhamento de conhecimento. Considera-se a coerência como um importante fator de interpretabilidade, de forma que o texto faça sentido tanto para quem lê, quanto para quem escreve.

#### Quadro 12 – Terceiro plano de aula

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Ano:** 7º Ano do Ensino Fundamental

**Tempo:** 2 aulas

**Conteúdo:** Apresentação e abordagem do texto: “Circuito Fechado”, de Ricardo Ramos.

**Objetivos:** analisar quais termos poderiam estar presentes no texto; analisar a função da pontuação nesse texto; analisar a presença da sequência lógica no texto.

**Metodologia:** Na primeira aula, serão retomados conceitos e a importância da coerência textual. Após a explanação, será feita a leitura do texto “Circuito fechado”, será analisada a presença textualidade conto apresentado, será observada a falta de alguns elementos neste e qual o efeito disso. Será observada a função da pontuação neste texto.

Na segunda aula será proposto que os alunos narrem uma sequência de ações realizadas em um dia de aula vivido ou imaginado por eles, de forma que empreguem substantivos e locuções separados pela

ALMEIDA, P.S.;

pontuação, seguindo o modelo dado no texto de Ramos. Após a produção do texto, pedir que acrescentem algo que possam ter esquecido e troquem com os colegas. Se possível, elencar algumas produções para serem lidas pela turma.

Serão feitas as perguntas:

- No seu texto, como foram colocadas as ações de forma que tivessem uma sequência lógica?
- Pelo seu texto, é possível supor algum acontecimento?
- É possível compreender o que foi contado?
- É possível fazer um resumo das ideias passadas por você no texto?
- Você conseguiu informar com clareza o que aconteceu nesse dia de aula?

**Circuito fechado, por Ricardo Ramos**

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água, escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

RAMOS, Ricardo. **Circuito fechado**. In: LADEIRA, Julieta de Godoy (org). Contos brasileiros contemporâneos. São Paulo: Moderna 1994.

**Material:** Giz / caneta para quadro branco, cartolina, projetor.

**Avaliação:** A avaliação será feita por meio da participação dos alunos.

**Fonte:** elaborado pela autora

## Conclusão

Pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma muito sintética, mas objetiva e estruturante, um diagnóstico da produção de um texto narrativo. Para satisfazer este objetivo, optou-se por uma descrição dos elementos de textualidade e uma análise que abordasse tais fatores ponto a ponto, além de uma breve discussão sobre questões tradicionais da gramática.

A análise possibilitou diagnosticar as dificuldades do aluno ao movimentar os recursos linguísticos, de modo a estabelecer a coesão no texto, o que também justifica a dificuldade do aluno em estabelecer a progressão textual, bem como em estabelecer e garantir os aspectos de coerência necessários na construção do texto. Conforme o

**ALMEIDA, P.S.;**

objetivo da análise, foram realizadas três atividades de intervenção sobre essas dificuldades mais sobressalentes, que seguem anexadas.

Nesse sentido, este trabalho pode auxiliar os professores de Língua Portuguesa de forma a aplicar a teoria à prática em suas correções textuais e avaliações diagnósticas na sala de aula, sabendo que tais avaliações devem culminar em ações de intervenção que incidam nas dificuldades do aluno.

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, Irandé. **Análise de Textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CIULLA, A. **Categorização e referência: uma abordagem discursiva**. Caderno de estudos linguísticos. Campinas, jul/dez. 2014.

FAIRCHILD, Tomas Massao. Avaliação em dois tempos no trabalho com o texto. Olhar de Professor, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p.231-251, mar. 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas no ensino do português**. In: \_\_\_\_\_  
GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012. p. 59-79.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto: construção de sentidos**. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p.1-4, jan. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29382/18069>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016. 240 p.

KOCH, Ingedore G.V; TRAVAGLIA Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O analista de Bagé**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.



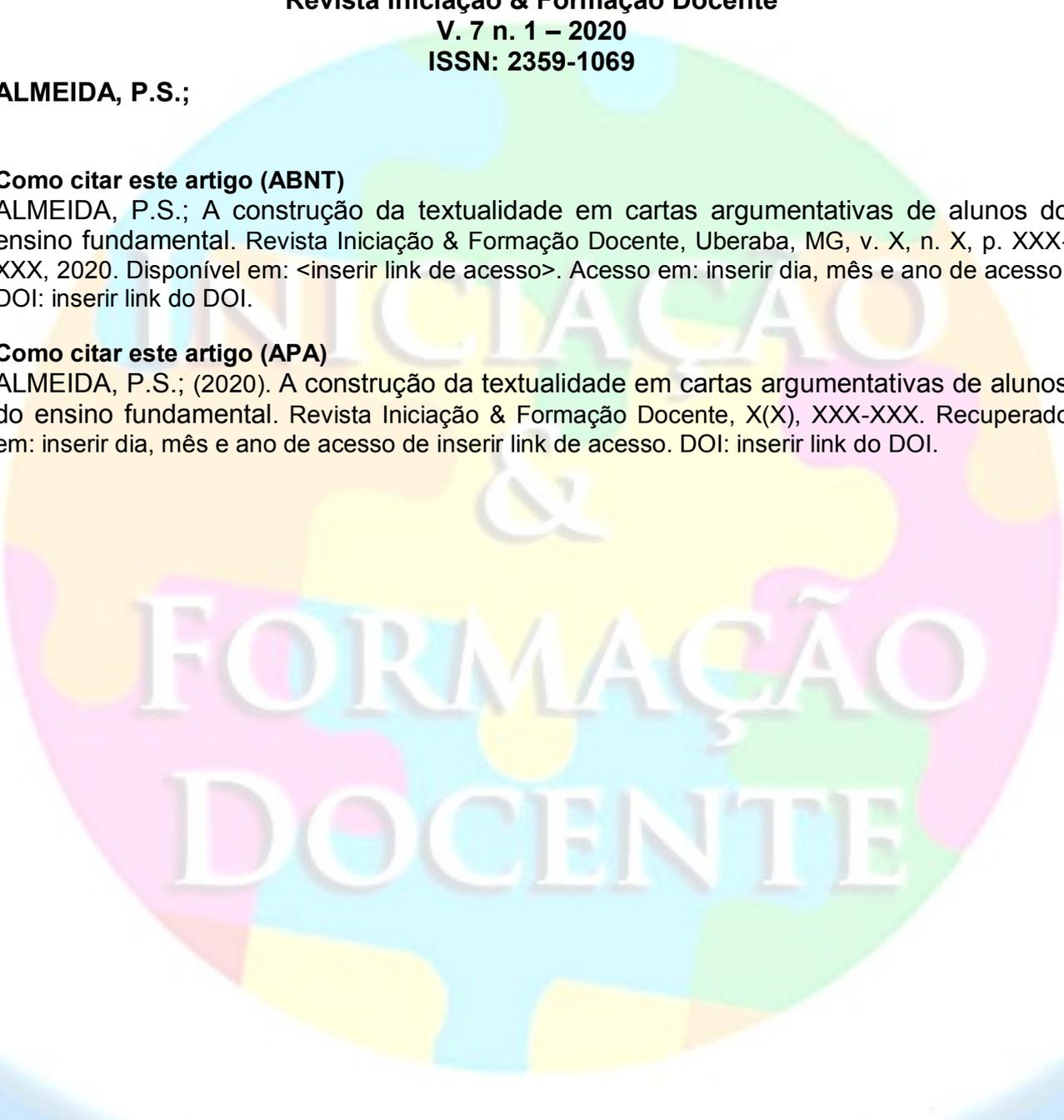
ALMEIDA, P.S.;

**Como citar este artigo (ABNT)**

ALMEIDA, P.S.; A construção da textualidade em cartas argumentativas de alunos do ensino fundamental. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

**Como citar este artigo (APA)**

ALMEIDA, P.S.; (2020). A construção da textualidade em cartas argumentativas de alunos do ensino fundamental. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



INICIAÇÃO  
&  
FORMAÇÃO  
DOCENTE